



INTERVENÇÃO SOCIOAMBIENTAL EM LABORATÓRIO DE PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES DA *TEATRALIDADE HUMANA* NO CAMPO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Augusto Luis Medeiros Amaral – FURG
Alfredo Guillermo Martin Gentini – FURG
Cláudio Tarouco de Azevedo – FURG
Bolsa CAPES

Resumo: A contribuição metodológica desta pesquisa é embasada em intervenções socioambientais que qualificam a concepção da *Teatralidade Humana* através de atividades realizadas em laboratório de experimentações. O objetivo é restaurar a dimensão artística do processo de aprendizagem, enquanto são problematizadas algumas das temáticas colocadas como desafio para o campo da Educação Ambiental: a necessidade de melhorar a qualidade de vida, de valorizar a diversidade, de trabalhar solidariamente, de romper com a alienação e de aprendermos a lutar pela própria vida estão entre elas. Trata-se de uma pesquisa fundada na concepção de Educação Ambiental de Felix Guattari, que inclui a subjetividade humana, o meio ambiente e as relações sociais. As intervenções têm indicado a necessidade de promover ações que fomentem a participação, a autonomia, os processos autogestivos, a capacidade de criar alternativas diante dos obstáculos. Indica que é necessário desconfiar dos ambientes que obstaculizam o encontro dos corpos, que reduzem o tato, o contato, a interação dos corpos e seus movimentos inventivos. O processo cartográfico aponta para a necessidade de criarmos estratégias que tornem o humano capaz de enfrentar condicionamentos e dualidades, estimulando a produção de valores ético-estéticos.

Palavras-chave: As Três Ecologias, dispositivo, corpo, cartografia, experimentação.

Laboratório de experimentações e intervenções socioambientais

Este artigo se baseia em uma pesquisa de doutorado em Educação Ambiental. Trata-se de uma análise das questões socioambientais nos campos não formais e informais da Educação Ambiental, enfatizando a dimensão ético-estética, o desenvolvimento humano, a alteridade dos grupos sociais, a interligação dos espaços ambientais e a potencialização da saúde coletiva. Uma pesquisa que procura estar atenta aos pontos de convergência com o campo da educação formal.

A concepção de Educação Ambiental aqui desenvolvida, fundada nas *Três Ecologias* de Felix Guattari (1990), aborda um pensamento que ganha potência na medida em que consegue agregar múltiplas técnicas, metodologias, saberes e formas de existência. Isto

porque, a ecologia para ele, é o estudo de fenômenos complexos, que incluem a subjetividade humana, o meio ambiente e as relações sociais, estando todas intimamente interconectadas nesses três registros ecológicos.

Trata-se de uma análise das intervenções socioambientais realizadas em laboratório de pesquisa ao longo do curso de doutorado, enquanto problematizo algumas das temáticas colocadas como desafio para o campo da Educação Ambiental. A necessidade de melhorar a qualidade de vida, de valorizar a diversidade (natural e cultural), de trabalhar solidariamente, de romper com a alienação e de aprendermos a lutar pela própria vida estão entre elas.

No laboratório são desenvolvidas experimentações utilizando recursos das artes cênicas e visuais objetivando desencadear uma espécie de estranha inquietude: o desejo de lutar contra a passividade e de promover mudanças. Um importante elemento na tentativa de produzir outra perspectiva de vida, despertando o desejo de entrarmos em contato com nossa força e coragem, com a vontade de transformar o ambiente, os outros, e a nós mesmos.

Entendo que não podemos julgar previamente qual o melhor caminho para o pensamento reflexivo, é necessário recorrer à experimentação criando uma montagem artística construída coletivamente. A experimentação é viabilizada a partir da interação humana e se desdobra na transformação do próprio humano e do ambiente em que está inserido.

Nesta pesquisa, experimentar implica misturar artes cênicas e visuais a fim de produzir um conhecimento ancorado no real, nos acontecimentos do cotidiano. Envolve uma boa dose de tateamento cego e aventura, assim como determinação e prudência, mas seu objetivo maior é produzir outros modos de existência: outras formas de nos relacionarmos, expressarmos, sentirmos, compreendermos, etc. Sua intenção é produzir formas de subjetivação que permitam que o humano lide de outra maneira com as instâncias da verdade, do saber e do poder instituídos.

Também são objetivos da pesquisa: 1) pensar a saúde coletiva do ponto de vista das possibilidades de intercâmbio cultura-natureza; 2) experimentar novas fronteiras entre teatro e vida; e 3) contribuir com iniciativas voluntárias, solidárias e de intervenção socioambiental.

O processo de experimentação objetiva provocar micro-fissuras capazes de impulsionar os processos de desconstrução e reconstrução do humano, fazendo com que

determinadas alienações se manifestem, ganhem visibilidade e possam ser transformadas. Gilles Deleuze afirma que

pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer. A história não é experimentação; é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história. Sem a história, a experimentação permaneceria indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica, é filosófica. (DELEUZE, 1992, p. 132)

Para Deleuze e Guattari (1992) filosofar implica “inventar conceitos” e, para que isto aconteça, é preciso ir ao encontro de problemas verdadeiros, reais, que as experimentações colocam em evidência. A criação conceitual tem que ser impulsionada pela necessidade materializada, pulsante, experimentada. Para ele filosofar é pensar, agir, transformar, desterritorializar, criar novas fronteiras, outros mundos. Estas são as condições de possibilidade para fazer emergir uma *filosofia da diferença*.

Este artigo apresenta o trabalho de campo de um pesquisador atento às trajetórias que se tramam com seu próprio percurso, disposto a lidar com o paradoxo de ocupar a posição de sujeito e objeto da pesquisa. Uma pesquisa atenta aos percursos itinerantes que se entrecruzam, pois aposta em um conhecimento novo que só é capaz de ser produzido nos entrelugares e regiões fronteiriças, nos processos de intercâmbio com múltiplas direções movediças.

O campo de intervenção¹ é a composição de diversos ambientes, sendo os locais onde acontecem as intervenções o próprio campo empírico da pesquisa, ambientes específicos que vão sendo entrelaçados pelos movimentos da vida. Espaços delimitados de acordo com um conjunto de possibilidades que vão surgindo ao longo do processo e permitem que o humano se desloque no fluxo dos acontecimentos, em consonância com as portas que se fecham e se abrem, com as vicissitudes do desejo. O campo empírico se constitui como uma aventura por territórios desconhecidos, como um mosaico, um labirinto de experimentações.

As intervenções acontecem de forma itinerante, em diferentes ambientes. Ora junto à mata ciliar na região rural, ora nas comunidades eclesiais de base no perímetro urbano, ora no

¹ É o “perímetro que delimitará o espaço dentro do qual se planejarão e executarão estratégias, logísticas, táticas e técnicas que, por sua vez, deverão operar neste âmbito específico para transformá-lo de acordo com as metas propostas. Está em estreita dependência do campo de análise, desde o qual será compreendido, pensado. Só se intervém quando se compreende, sendo que posteriormente se compreende à medida que se intervém”. (BAREMBLITT, 1992, p. 140)

espaço acadêmico, ora no ambiente hospitalar. A definição dos locais depende da habilidade do pesquisador em fazer parcerias e de sua sensibilidade para perceber a força dos acontecimentos e em que momentos é possível gerar mais vida e beleza.

Nem sempre o grupo que está mobilizado em torno de uma intervenção tornará a se encontrar. Na realidade a formação de uma nova coletividade, aqui entendida como *comunidade pesquisadora*², sempre está atrelada as alianças que serão feitas, as parcerias, enfim, a rede de trocas e intercâmbios que será tramada entre uma intervenção e outra. É o que garante a idiosincrasia do grupo, sua particularidade comportamental e estrutural, suas constantes transformações.

Definir com precisão o tempo e o lugar em que as intervenções irão acontecer é uma tarefa difícil, pois as atividades em laboratório só acontecem quando um fluxo de virtualidades impalpáveis é ativado, provocando o desejo de lutarmos contra nossa própria passividade e de extrapolarmos o modo de viver habitual. Tudo se passa dentro de um campo de forças com múltiplos interesses, disputas, associações, dissensões, convergências e rebeliões que se desdobram durante todo o processo. As intervenções só acontecem porque certas pessoas integram-se durante um determinado período e decidem caminhar juntas para realizar determinadas tarefas. São como centelhas que se acendem mutuamente, é o que Guattari (1981, 1992) chama de “agenciamento coletivo de anunciação”.

O laboratório não tem um endereço determinado porque está sempre aberto aos novos endereçamentos e contingências. Não é formado por um grupo fixo de pessoas com rotinas pré-determinadas, mas por um grupo que se associa temporariamente para realizar experimentações e intervenções específicas em lugares consensualmente determinados, com propósitos claramente definidos. Elas acontecem num entrelugar: na linha de fronteira que separa a educação formal da informal.

O trabalho de intervenção socioambiental preconiza a realização de experimentações que buscam intensificar a vida dos participantes e torná-los capazes de transformar os ambientes em que estão inseridos. As experimentações são mediadas por recursos técnicos e

² A comunidade pesquisadora se inspira na ideia do grupo-pesquisador como autor da pesquisa, um elemento essencial da metodologia sociopoética de Jacques Gauthier. Segundo ele, “não se trata de um grupo que pesquisa, mas de um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir. Gostamos de dizer que ele age na pesquisa como se fosse um único pensador, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem”. (GAUTHIER, 2009, p.17)

metodológicos que compõem a matriz prático-teórica que dá suporte as atividades realizadas em laboratório. São utilizadas as técnicas de formação de atores e não atores de Augusto Boal; a biodança de Rolando Toro; a somaterapia de Roberto Freire; dos grupos operativos de Pichon-Rivière; e, mais recentemente, passei a incluir a sociopoética de Jacques Gauthier.

A concepção de saúde coletiva defendida nesta pesquisa procura traduzir a lógica de refinados processos de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio necessários para que possamos nos manter vivos, tornando imprescindível a necessidade de lutarmos pela vida. Ninguém cura ninguém, pois a cura depende de inúmeros fatores que, em seu conjunto, permitem que o humano conquiste um novo estágio de equilíbrio, mas sempre provisório. Prefiro pensar a saúde em termos de cuidado, uma forma de cuidado que se estenda a todas as coisas e permita que reencontremos nossa própria força e felicidade. Esta é a noção de saúde coletiva que impulsiona as atividades realizadas em laboratório, onde a matriz prático-teórica que anima o processo de pesquisa procura desenvolver relações de cuidado que sejam capazes de produzir uma vida melhor, mais intensa e potente.

Outra importante concepção desenvolvida na pesquisa é a de Educação Ambiental, que diz respeito a ensinar as pessoas sobre sua própria ecologia e isto implica lidar com a vida a partir de uma percepção sensível e de um olhar voltado para o cuidado. A pesquisa vem sendo produzida de acordo com esta concepção, onde a questão que a orienta está sendo assim colocada: De que forma as experimentações podem contribuir com a invenção de modos de existência mais voltados para o cuidado de si, do outro, do meio ambiente, enfim, de todas as coisas que estão ao nosso alcance cuidar?

Teatralidade Humana: uma cartografia de experimentações cênicas

A concepção da *Teatralidade Humana*, que começou a ser elaborada em minha dissertação de mestrado³, ganhando novo enfoque na tese, conjuga saúde coletiva e Educação Ambiental na tentativa de responder a esta questão. Uma questão que vem sendo analisada no

³ AMARAL, Augusto L. M. *O Corpo como Palco da Teatralidade Humana: marcas na formação acadêmica*. Dissertação do curso de mestrado em Educação Física. Área de concentração: Atividade Física, Esporte e Escola. Pelotas, RS: UFPel/ESEF, 2009.

contexto das intervenções e experimentações realizadas em laboratório, o que lhe confere profundidade teórica e conceitual, enquanto o dispositivo⁴ cênico é desenvolvido.

Entretanto, sem a participação efetiva da *comunidade pesquisadora*⁵, com seu viés multiprofissional e transdisciplinar, esta tarefa seria inviável. Para que o dispositivo seja acionado é preciso que um grupo de pessoas se agregue espontaneamente⁶ e interaja entre si a fim de realizar um projeto comum, criando suas próprias regras, reunindo-se periodicamente e desenvolvendo atividades em parceria para que seus objetivos sejam atingidos. A comunidade faz a gestão dos seus processos inventivos e experimentações, compartilhando memórias e devires. Possui fluxo de energia e ritmo próprios e se serve de meios comuns para alcançar determinados fins.

Neste contexto, minhas contribuições pessoais estão ligadas fundamentalmente ao desenvolvimento da tese da *Teatralidade Humana*, sendo recursos metodológicos da pesquisa: anotações feitas no diário de campo, gravações em áudio, fotografias, dados produzidos durante o processo de pesquisa, depoimentos espontâneos e e-mails trocados entre os integrantes da *comunidade pesquisadora*. Os audiovisuais, editados a partir das imagens captadas durante as atividades realizadas em laboratório, também são importantes recursos metodológicos. Têm a potencialidade de gerar interferências, provocando rupturas e descontinuidades, criando um fluxo de variação contínua que pretende impulsionar quem assiste na direção de outros tempos e lugares. Pretendem chegar onde as palavras não alcançam, trazendo outras perspectivas para a forma escrita da pesquisa. O dispositivo

⁴ Conceito desenvolvido pelo filósofo Gilles Deleuze no capítulo *O que é um dispositivo?* do livro *O mistério de Ariana* (2005).

⁵ Atualmente (Março/2012) a *comunidade pesquisadora* é constituída por um sociólogo, doutorando em Educação Ambiental (Augusto Luis Medeiros Amaral); uma enfermeira, doutoranda em Educação Ambiental (Aline Cristina Calçada de Oliveira); e um arte-educador, doutorando em Educação Ambiental (Cláudio Tarouco de Azevedo).

⁶ Por vezes, uma conversa na mesa de um bar com amigos, o convite de uma pessoa desconhecida para fazer uma oficina em um seminário, ou mesmo um sonho podem acionar um novo processo de intervenção. É desta forma que a rede de parceiros é articulada. Então desejos se conectam, mensagens pelo celular são trocadas, vontades contagiam-se mutuamente, conversas pelo *Messenger* (internet) se intensificam, e o que foi pensado e planejado ganha existência, como peças de um quebra-cabeças que se encaixam súbita e misteriosamente. Os pressentimentos e intuições de uma coletividade se transformam em experimentação, assumem forma provisória, concretizam-se. Outras vezes nada acontece por semanas ou meses, pois um conjunto de condições necessárias para que a intervenção aconteça simplesmente não existe, permanece no difuso mundo das virtualidades.

audiovisual⁷ foi concebido com a intenção de colocar em movimento o conjunto do processo de intervenção, retroalimentando-o, permitindo a contínua qualificação do dispositivo cênico.

A *Teatralidade Humana* é desenvolvida em torno da ação coletiva e da valorização dos processos de formação de seus agentes, colocando em questão os limites do universo da educação formal e não formal. O foco da pesquisa são os ensaios realizados em laboratório e as atividades que permitem que os participantes observem a si mesmos, detectando seus próprios limites e potencialidades. Minha hipótese é que as experimentações são capazes de produzir um fazer e um saber que potencializa a capacidade intuitiva, inventiva, relacional e afetiva do humano, melhorando a auto-estima, restaurando a dimensão artística do processo de aprendizagem e fomentando atitudes de cuidado com todas as coisas.

A *Teatralidade Humana* fundamenta-se em uma concepção de teatro muito específica, ou seja, como *máquina de guerra nômade*⁸, fazendo pensar e impulsionando transformações enquanto são experimentados outros modos de existência. Entendo o teatro como um espaço onde as fronteiras se diluem e donde emanam múltiplas possibilidades criativas. Um lugar onde é possível fazer emergir um humano capaz de tornar suas ideias realidade enquanto experimenta outras possibilidades de se relacionar e se comunicar, de sentir, de realizar intercâmbios, de amar, de perceber, etc.

Nesse ambiente acontece um processo de aprendizagem que objetiva formar um ator que não se tornará profissional do teatro, mas que será encorajado a se tornar espectador de si mesmo. São considerados agentes de transformação na medida em que se envolvem nas intervenções, olhando a si mesmos e interferindo nos ambientes através das ações que produzem. O corpo do ator é treinado para lidar com suas próprias alienações ao experimentar vibrações e descontinuidades, outros centros de gravidade, sofrendo mutações toda vez que devém.

⁷ Atualmente (Março/2012) o dispositivo audiovisual vem sendo desenvolvido pelo arte-educador que compõe a comunidade pesquisadora, na perspectiva de sua tese de doutorado.

⁸ Deleuze e Guattari diferenciam os ambientes nômades dos ambientes sedentários e falam de dois tipos de maquinarias de guerra: “o espaço sedentário é estriado, por muros, cercados e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por ‘traços’ que se apagam e se deslocam com o trajeto. (...) E cada vez que há uma operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita, que um novo potencial nomádico aparece, com reconstituição de um espaço liso ou de uma maneira de estar no espaço como se fosse liso” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.51 e 60).

A tese da *Teatralidade Humana* se desenvolve nos cruzamentos da experiência empírica e da reflexão filosófica. Sua forma escrita, delineada na tese, inspira-se na cartografia de Guattari e Rolnik (1996), e se propõe analisar experimentações realizadas em certas regiões fronteiriças: entre a zona urbana e rural, entre o universo do cotidiano e da representação teatral, entre o espaço da educação formal e não-formal. Enfim, enquanto privilegia os espaços lisos, os deslocamentos e entrelugares. Trata-se de um mapa da experimentação de outros territórios existenciais, a cartografia do processo de produção de modos de vida inspirados em valores ético-estéticos (GUATTARI, 1990).

A concepção de pesquisa-intervenção, adotada nesta pesquisa, encontra seus parâmetros epistemológicos no campo da Análise Institucional Socioanalítica e as transformações que pretende impulsionar são em nível microsociológico e micropolítico. A ênfase das intervenções está nos processos de constituição e na feitura, o que pressupõe sair do lugar de sempre, ocupar outro lugar, perceber por outro ângulo, expressando corporalmente tudo aquilo que as experimentações suscitam. As intervenções aproximam-se do campo da Análise Institucional Socioanalítica na medida em que fazem emergir formas inovadoras de viver e se relacionar, colocando em crise as formas instituídas.

Compartilho a perspectiva da Análise Institucional Socioanalítica em diversos aspectos, também considero o abalo psicológico, as grandes catástrofes, os colapsos sociais, o movimento das placas tectônicas, a convulsão corporal⁹, enfim, as crises em suas diversas formas como potentes analisadores¹⁰.

As atividades realizadas em laboratório caracterizam-se por um conjunto de experimentações que procuram desconstruir (e reconstruir) máscaras e papéis sociais, fazendo-os multiplicar. Favorecem a mobilização da energia corporal através do exercício físico, enquanto são estimuladas certas capacidades *metabólicas* (resistência cardiorrespiratória) e *neuromusculares* (força, resistência muscular e flexibilidade).

⁹ A convulsão gera contrações involuntárias da musculatura e outras anormalidades como perda da consciência, tremores, alterações do estado mental, desmaios, movimentos involuntários de braços e pernas, tonturas, entre outras disfunções.

¹⁰ O analisador é um dispositivo, artificial ou natural, que proporciona a explicação dos problemas socioambientais e fornece pistas para a resolução dos mesmos. Quando inventado e implantado pelos analistas institucionais “pode-se valer de qualquer recurso (procedimentos artísticos, políticos, dramáticos, científicos, etc.), qualquer montagem que torne manifesto o jogo de forças, os desejos, interesses e fantasmas dos segmentos organizados” (BAREMBLITT, 1992, p.135).

As intervenções socioambientais desenvolvidas em laboratório objetivam acionar o potencial criativo, atualizando virtualidades e valorizando a memória corporal. Fomentam o trabalho solidário e cooperativo, a autonomia e os processos autogestivos, bem como potencializam a capacidade intuitiva e afetiva dos participantes, seus devires. Isto implica estar aberto a outras formas de racionalidade e a outras fontes de conhecimento não racionais e sim emocionais, imaginativas e instintuais. Isto acontece através da expressão corporal e da dança, dos jogos interativos e de sensibilização, da performance e das dramatizações orientadas.

Numa sociedade onde a destruição da vida natural e a deterioração das relações humanas ameaçam a nossa própria espécie, é imprescindível criarmos alternativas educacionais e de socialização que nos tornem mais atentos e sensíveis aos problemas socioambientais. As atividades desenvolvidas no contexto da *Teatralidade Humana*, bastante inspiradas no *teatro ritualístico* de Artaud (1999), têm o propósito de fazer pensar de uma forma peculiar, enquanto o corpo se movimenta e mobiliza determinados saberes ancestrais que dificilmente seriam expressos com palavras, por terem sido recalcados em nossos músculos e nervos.

Um dos desafios das experimentações tem sido criar condições para que rituais mais permeáveis ao disforme se multipliquem, gerando teatralidades que valorizam os gestos, as sensações e a manifestação de intuições e forças inconscientes. Isso acontece quando o humano se agrega em torno de uma corporeidade múltipla: expressão de uma coletividade em movimento. A pesquisa desdobra-se em experimentação estético-ambiental toda vez que avançamos em direção a concepção nietzscheana de grande saúde (2000, 2001, 2006), ampliando espaços de intervenção, qualificando e diversificando a técnica, intensificando o processo e buscando novas parcerias.

O processo de intervenção socioambiental permite quebrar os espelhos que refletem nossa autoimportância e que colocam nossas próprias tristezas e fracassos no centro da vida. A vida não tem um centro, ela se ramifica em todas as direções. Somos dominados pelo fracasso e pelo medo quando nos encerramos em nossos próprios mundos e nos fechamos para o outro, para aquele que é sempre diverso, diferente de mim. Certamente nossa energia vital e nossa saúde dependem do modo pelo qual cuidamos de nós mesmos, mas cuidar de si implica cuidar do outro e do mundo.

Conforme o campo de problematização se configura ao longo do processo de pesquisa, me deparo com uma concepção de conhecimento que avança na direção da diferença e da multiplicidade, pondo em dúvida certas dicotomias historicamente constituídas: natureza/cultura, sujeito/objeto, teoria/prática, observador/observado e indivíduo/coletivo.

O corpo como instrumento político

Desenvolver a espontaneidade criativa como instrumento político vem sendo uma busca constante em minhas pesquisas. É uma tentativa de tirar o humano da inércia colocando em movimento certas forças que se encontram estagnadas no cotidiano, mas que ficam evidentes na expressão alienada e apática dos corpos. As vivências de desbloqueio da criatividade, fundamentais no processo de experimentação cênica, ensinam a importância de reagirmos às situações que nos impedem de fluir com a própria vida e de exercitar a liberdade. Ser livre é desfrutar de todas as potencialidades do corpo transformando a realidade em que estamos inseridos a fim de vivermos uma vida melhor, mais intensa e feliz.

A força gerada pela improvisação teatral, que envolve o desenvolvimento da intuição e da espontaneidade, é uma forma de contrabalançar os poderosos vetores da estabilidade, da regularidade e da normalidade que regem a sociedade pós-industrial. As forças de intensificação do corpo humano colocam em questão o poder hegemônico da lógica da objetividade, da fragmentação, da excelência, da eficiência, da ordenação e do controle. Enfim, a supremacia do pensamento clássico.

O ato de tentarmos impedir que nossas crianças, quando experimentam os primeiros passos, caiam no chão e se machuquem produz um efeito semelhante ao que é propagado pela concretude do ambiente urbano. Ambos, em nome da proteção, acabam por privar o humano das experiências mais drásticas, que também são as mais essenciais à vida. As que permitem que entremos em contato com a força de superação de nossos próprios limites.

A razão de existir tantos mecanismos de controle, restringindo sobretudo o movimento criativo e espontâneo, talvez esteja ligada ao temor que nossos corpos comecem a vibrar de tal forma que já não possam ser contidos pelas rígidas estruturas do poder instituído. Talvez a intensa vibração dos corpos coloque em risco não apenas o espaço estriado das cidades, suas inflexíveis fronteiras, muros e cercados. Talvez implique colocar em questão, sobretudo, os “sagrados valores” que sustentam a economia de mercado, mas não podemos ignorar o fato de que os graves problemas socioambientais que enfrentamos na atualidade estão enraizados nessa questão.

Sabemos disso e negligenciamos de tal modo esta problemática, que preferimos optar voluntariamente pela alienação e pela escravidão do que enfrentar as possibilidades de exposição às forças da imprevisibilidade e do acaso, as forças caóticas que regem a

inventividade humana. Vivemos numa sociedade cuja debilidade consiste em atacar as conseqüências e não as causas dos problemas, talvez porque isto seja o máximo que corpos submetidos historicamente possam realizar.

Vivemos atualmente num momento de transição entre a *Sociedade Disciplinar* de Foucault (2009) e a *Sociedade de Controle* de Deleuze (1992), em que se difunde amplamente o controle incessante em meio aberto. Neste momento, as formas de controle se sofisticam para que seja garantido o comportamento normal das massas. Há um processo de instauração da lógica do confinamento, em toda a sociedade, sem que seja necessária a existência de muros que separem o lado de dentro das instituições do seu exterior.

Na *Sociedade Disciplinar* domina o modelo do panóptico, implicando que o vigia esteja presente em tempo real. Na *Sociedade de Controle* a vigilância é introjetada no humano, se torna rarefeita. Com a sofisticação tecnológica e com a proliferação dos mecanismos de controle os indivíduos passam a ser muito mais eficientemente governados. Câmeras de vigilância e microfones se espalham pelas ruas, casas, praças, prédios e becos.

A paisagem da cidade, especialmente das megacidades, mostra um ambiente esquadrejado, repleto de códigos e proibições, que só se sustenta pela força coercitiva (estatal e privada) em nome da ordem e dos costumes. Mas de fato, quem se beneficia com isto? Embora o esquadramento minucioso do espaço possa gerar algum conforto e segurança, será que produz resultados efetivamente práticos que se estendam a todas as camadas da população? As estatísticas mostram que, de fato, estamos muito longe de resolver o problema da violência, em especial nos grandes centros.

O ambiente urbano, com seu excedente de linhas retas, submete o humano a um elevado grau de controle e previsibilidade, impondo o regime da sobre-codificação, da monotonia e da constância. Enfim, o regime da normalidade que propaga movimentos que se repetem indefinidamente. Aderimos ao estilo de vida urbano com a certeza de que estamos sendo protegidos pela rotina de uma vida estável, mas, talvez isso nos imponha o pagamento de um preço elevado demais. O preço de um sedentarismo muito mais amplo e perigoso do que possamos imaginar.

Os processos de intensificação da vida talvez pudessem fluir bem mais e melhor se não fossem tão represados por estruturas e hierarquias instituídas. No campo da Educação Ambiental, no que tange a educação formal, podemos avançar horizontalizando mais as

relações de poder em sala de aula, colocando lado a lado professor e estudante para que possam entrar em contato com seus mútuos limites e possibilidades, diferenças e semelhanças. Talvez esta conquista faça despertar um vigor ético que nos permita sonhar outros sonhos, fazendo surgir alternativas de coexistência mais transparentes e tolerantes com os erros do outro. As intervenções socioambientais em laboratório procuram criar espaços com essas características a fim de avançarmos com relação a práticas instituintes.

Pensar o processo de alfabetização das crianças, de acordo com essa perspectiva educativo-ambiental, significa modificar as regras do jogo a fim de cuidá-las para que possam lidar com a fúria produtivista. As crianças passariam a ensinar outras crianças, aprenderiam que é tão importante cuidar de si quanto cuidar do outro, partilhando descobertas e (re)invenções. Isto implica outra relação do humano com o tempo e o espaço. No decurso da jornada, de acordo com os processos de diferenciação do humano, umas se tornarão mais produtivas e voltadas para a quantidade e outras mais inclinadas para conceber e qualificar. Este é um tipo de cuidado com nossas crianças que pode alterar substancialmente o destino das gerações futuras, contribuindo com a construção de uma outra gnosiologia (teoria do conhecer).

O excesso de códigos e regras só tem sentido em sociedades altamente individualistas e egocentradas como a nossa, onde a incapacidade de cuidar se prolifera indefinidamente.

Sem dúvida, esta é uma questão complexa que precisa ser problematizada e analisada com profundidade. A *Teatralidade Humana*, como forma de contribuição, propõe que a verdade não está fixada de uma vez por todas, não é definitiva nem universal. As experimentações têm a potencialidade de colocar em crise as formas instituídas e suas verdades irrefutáveis, tudo aquilo que é produzido pela cultura e que é tomado como natural, ou seja, como algo que “sempre foi e sempre será assim” – inclusive o próprio corpo.

As experimentações colocam em questão os padrões instituídos e modelos fabricados, ensinam que é necessário desconfiar de tudo que despreze o corpo, os ambientes que obstaculizam o encontro dos corpos, que reduzem o tato, o contato, a interação dos corpos e seus movimentos criativos.

Por isso, é importante investigarmos as condições em que o corpo emerge, ou seja, os elementos histórico-geográficos que determinam à expressão dos corpos, a forma de perceberem a realidade, as condições socioambientais que imprimem a morfologia corporal e

a funcionalidade orgânica. Precisamos compreender que o corpo pode ser ensinado a modificar sua postura, a agir e reagir, lutar, expressar-se. E estas podem ser transformações radicais.

O humano, diferentemente de outras espécies, possui a capacidade de intervir sobre si mesmo, de configurar (e reconfigurar) a si próprio, e essa ação só pode ser compreendida do ponto de vista da relação cultura-natureza e seus mútuos engendramentos.

Ao colocarmos o corpo como objeto de análise precisamos avançar com relação a uma abordagem mais ampla, multicentrada e transversal. Tanto os instrumentos metodológicos quanto os dispositivos (cênico e audiovisual) até então desenvolvidos revelam limites e possibilidades no que diz respeito ao corpo humano: corpos-mutantes com extraordinária capacidade de adaptação ao meio. A *Teatralidade Humana* indica que é necessário perseverar, colocando a dinâmica espontânea dos corpos no fluxo dos acontecimentos, experimentando a intensidade do processo laboratorial como forma de prevenir doenças.

Certamente um diagnóstico médico bem elaborado é capaz de definir, com precisão, onde está localizado o foco da doença e sua provável causa. Em outros termos, diríamos que as ciências médicas desenvolveram métodos, técnicas e substâncias capazes de restituir a saúde. A medicina moderna¹¹ vem agregando ao seu universo, enquanto possibilidade de intervenção clínica, alternativas que levam em consideração aspectos psicossociais do enfermo: histórico de vida, percepção de realidade, relacionamentos, condições socioambientais, vida profissional e familiar, hábitos e costumes.

Entretanto, todo este empreendimento científico converge em extirpar a doença ou eliminar a deficiência, a fim de devolver ao paciente sua condição normal¹². Entretanto, penso

¹¹ Sobre a emergência da medicina moderna como prática normalizadora de caráter coletivo ver Michel Foucault em *Microfísica do Poder* (1999). No texto “O nascimento da Medicina Social” o autor aponta-nos três etapas na formação dessa área quais sejam, a Medicina de Estado (Alemanha); a Medicina Urbana (França) e a Medicina da Força de Trabalho (Inglaterra). Embora com características singulares, cada um desses processos está fortemente marcado pela sua abrangência social e política e pela sua inigualável capacidade de constituir o corpo como uma realidade biopolítica, condição fundamental para a consolidação do capitalismo.

¹² A norma constitui uma categoria central para a compreensão do que Michel Foucault denominou de biopoder, estratégia de governo analisada pelo autor no texto “Direito de Morte e Poder sobre a Vida” (FOUCAULT, 1988), que tem a sua emergência no interior de novas formas de administração das políticas internas e externas voltadas para a vida das populações nos séculos XVII, XVIII e XIX. Nesse sentido, não estava vinculada a nenhuma ideia abstrata do Direito, não estava baseada nem no contrato nem no status, nem mesmo era um princípio prudente de autoridade. A normalidade “era antes, um modo de nos identificar e de fazer com que nos identificássemos de maneira a nos tornarmos governáveis. Era uma forma de pensamento singular da qual brotava a experiência individual e coletiva” (RAJCHMAN, 1993, p.122).

que toda a tentativa de enquadrar o humano em um perfil padrão, em um modelo idealizado de saúde neste caso, é um problema em si mesmo, pois nossos corpos são a manifestação da diversidade e dos processos de diferenciação da vida.

Não podemos esquecer que existe um rico aprendizado sobre saúde humana que está contido nos ensinamentos produzidos pelos próprios sofrimentos gerados pela doença.

A análise aqui apresentada vai ao encontro de ações que potencializem o corpo e o torne capaz de produzir diferença, ou seja, inventando seu estilo e vivendo de acordo com seu próprio ritmo e características particulares. Entendo que é preciso questionar ambientes e práticas que depreciam a vida, padrões homogêneos e normalizadores, os modelos instituídos de acordo com os interesses do capital e do consumo. É necessário buscar novas formas de lidar com o corpo, saber nadar na superfície e mergulhar nas águas profundas, se recompor frente aos imprevistos e obstáculos do ambiente onde estamos inseridos.

Para isto, teremos que inventar novos conceitos, avançando em processos transdisciplinares e multiprofissionais, em que o corpo do pesquisador consiga lidar com o paradoxo de ser sujeito e objeto de pesquisa. Tendo em mente que o conhecimento disciplinar e transdisciplinar não são antagônicos, mas complementares. *A Teatralidade Humana* é uma tentativa de caminhar nessa direção.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde não apenas como a ausência de doença, mas como “a situação de perfeito bem-estar físico, psíquico e social”, pressupondo uma universalização das condutas individuais e coletivas. Não obstante, essa visão, de caráter normativo, pode facilmente subtrair o humano de seu contexto socioambiental local, situando-o no plano dos interesses econômicos globais e das estratégias biopolíticas.

Não é fácil lidar com essa questão, mas é possível resistir. Podemos pensar em termos das forças subjetivantes que compõem o humano como forma de resistência, apostando na prevenção e na saúde a partir da multiplicidade de conhecimentos que se entrecruzam. Saberes que são reinventados pelo próprio humano, conhecimentos produzidos em regiões fronteiriças, nos limites entre Educação Ambiental, saúde, teatro e filosofia – em uma zona de mutação. Esse é o desafio que a *Teatralidade Humana* se propõe enfrentar.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.
- AMARAL, Augusto Luis Medeiros. **O Corpo como Palco da Teatralidade Humana: marcas na formação acadêmica**. Dissertação do curso de mestrado em Educação Física. Área de concentração: Atividade Física, Esporte e Escola. Pelotas, RS: UFPel/ESEF, 2009.
- BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes: teoria e prática**. Belo Horizonte, MG: Editora Instituto Félix Guattari, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro, RJ. Editora 34, 1992.
- _____. **O mistério de Ariana**. Coleção Passagens. 2ª Ed. Lisboa: Vega, 2005.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo, SP: Editora 34, 1997.
- _____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. **Microfísica do Poder**. 14ª Ed. Rio Janeiro, RJ: Graal, 1999.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador**. Edição Eletrônica. 2009.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro, RJ: Edição 34, 1992.
- _____. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- NIETZSCHE, Frederich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 2001.
- _____. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo, SP: Escala, 2006.
- _____. **Nietzsche contra Wagner**. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 2000.
- RAJCHMAN, John. **Eros e Verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1993.